

*Michele Contel*

# AMORES ETERNOS DE UM DIA

Jogando a real sobre aplicativos  
e relacionamentos efêmeros

BR  
RJ  
IG  
IG

# SUMÁRIO

- 8 Para sempre. Ou por um dia
- 14 “Me add?”
- 35 O jogo começou
- 50 O ghosting
- 54 Ele não está tão a fim de você
- 81 A primeira faisquinha
- 84 Exceções
- 98 Fase zen
- 102 Quando o date do Tinder vira um dos seus melhores amigos
- 108 Manifesto de uma pessoa que não aguenta mais jogar
- 110 Restart
- 116 O guia do boy lixo
- 134 Quando o boy lixo é você
- 141 Lucas, que não era o Diogo
- 152 Viva o amor (sobretudo o próprio)

- 167 O silêncio faz um barulho  
assustador
- 172 Recaída de uma garota que  
pergunta demais
- 176 Pessoas vêm e vão
- 180 Sobre as diferentes versões  
de nós mesmas
- 185 Só separados
- 188 Sobre sentir
- 192 O amor nos tempos dos likes
- 198 Um vício a se combater:  
stalkear
- 203 Quantas vezes você consegue  
amar na vida?
- 207 Revival
- 211 Quando o “felizes para  
sempre” chega com um  
clique
- 216 A lista dos meus amores  
eternos de um dia
- 218 Por fim, o amor

**PARA SEMPRE.  
OU POR UM DIA**

Aos quinze anos, namorar costumava ser leve e divertido. Os eventos sociais eram, basicamente, idas ao shopping, cinema e festas esporádicas na casa de amigos quando os pais deles viajavam. Provas de amor eram simples. Um bombom no intervalo da aula ou um bilhete escondido no meio do caderno pautado e de folhas coloridas da Tilibra bastavam para nos fazer acreditar que aquela relação era para sempre. Ainda que tudo fosse menos complicado, dramas também existiam: as lágrimas vinham com mais frequência, como pelo fato de o namorado ter odiado o nosso filme favorito, ou por não ter topado nos acompanhar na pré-estreia de *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, por exemplo. Ainda assim, eram bons tempos.

Mas nós crescemos e o mundo mudou (muito) com a tecnologia. Se hoje demonstrações públicas de afeto são mais pensadas, provas de amor, então, nem se fala. O sentimento é de que vivemos em uma selva, só que, em vez de vivermos com medo de leopardos e rinocerontes, somos aterrorizadas por questionamentos. “Ele vai me ligar?”, “Será que ele manda mensagens apenas pra mim?”, “Será que ele diz isso pra todas?”, “Essa indireta no Twitter foi pra mim?” Essas dúvidas nos corroem tanto quanto o veneno de uma cobra peçonhenta. *Welcome to the jungle*.

A verdade é que, muito provavelmente, seus instintos sobre essas dúvidas estão corretos. Não, ele

não vai ligar (até porque, hoje, ninguém mais liga, né?). Não, ele não escreve só para você. Sim, ele diz para todas que adoraria ir ao show daquela banda de nome impronunciável e que “só falta companhia”. A “indireta” no Twitter foi para várias, e, sim, ao mesmo tempo, ele de fato está interessado em você. Isso é reflexo do instinto selvagem do mundo pós-moderno, onde pesa a facilidade de conseguir rapidamente um encontro (ou sexo) pelo seu celular. Quando tínhamos treze anos, o flerte acontecia por meio de bilhetes, cartas ou até mesmo figurinhas de bala com o Piu-Piu e o Frajola dizendo frases mandadas como “acho que vi um gatinho”. Eram entregues ao crush pela sua melhor amiga enquanto você se escondia atrás do pilar e torcia para ele responder com uma figurinha engraçadinha do mesmo tipo. O flerte envolvia muito mais do que apenas deslizar o dedo para a direita ou a esquerda em um aplicativo que tem como objetivo promover encontros entre pessoas com interesses em comum. Mas, por outro lado, a rejeição também doía mais. Se ele jogasse o papel fora, você se sentia como se estivessem pisoteando seu coração. Hoje, a rejeição do flerte costuma durar até o próximo “oi!” no inbox do Facebook — que geralmente vem em poucos minutos. Este é outro complicador atual (e não adianta você dizer que não faz isso): nós cobramos uma espécie de

exclusividade mesmo na conquista e nem sempre estamos dispostos a retribuí-la.

Antes de continuarmos, responda para si mesma: se está solteira (ou quando esteve), quantas vezes você flertou com apenas uma pessoa de cada vez? Provavelmente nunca, não é? E se você conseguiu, escuta o que vou dizer: você é minoria. Porque ao mesmo tempo que respondemos o WhatsApp, recebemos uma mensagem no Tinder. Segundos depois de responder o Tinder, curtimos uma foto no Instagram de um possível futuro date. É assim que as coisas funcionam hoje. E, passado o estágio da negação — porque a gente tenta se enganar, dizendo que somos diferentes do cara que estamos chamando de cafajeste por fazer exatamente o que fazemos —, aprendemos a sobreviver a isso. A desencanar dos minutos sem resposta. Das curtidas dele na foto das outras pessoas. Dos comentários engraçadinhos de meninas maravilhosas no Facebook. Do coração que ele deu em um tuíte sugestivo.

Também sorrimos para terceiros na balada enquanto respondemos a uma mensagem combinando uma cerveja no bar. Tudo é muito rápido e não temos tempo para pensar demais.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman já falou sobre o nosso momento, que chama de “modernidade líquida”. Ele explica que vivemos em uma

época que impossibilita as pessoas de criarem laços, ou, mais amplamente dizendo, em que “nada é feito pra durar” — e isso vai de aparelhos tecnológicos a, veja só, relações humanas. Talvez por isso tenhamos (ou melhor, eu-e-todos-os-amigos-com-os-quais-troco-ideias-sobre-relacionamentos) a impressão de que, hoje, a pessoa menos apegada da relação tem mais poder, então acabamos evitando o envolvimento. É por esse motivo que analisamos o tempo de resposta do crush e depois seguimos a regra do “se ele demorou cinco minutos, vou levar duas horas, pra ele não pensar que estou esperando a mensagem”. E, por conta dessa disputa de poder (ou melhor, de indiferenças), nesse jogo ganha o menos apaixonado. É triste, né? Ainda mais se levarmos em consideração que, no fundo, muitas de nós somos do tipo que ainda deseja viver uma história de amor digna dos livros do Nicholas Sparks. Mas, quanto mais cedo deixarmos de acreditar que a vida é uma comédia romântica filmada em tons pastel, menos frustradas vamos nos sentir. Quer dizer, mais rápido vamos nos recuperar. Porque a frustração vem quase sempre, sejamos francas.

O saco da modernidade líquida (obrigada mais uma vez, Bauman, por criar um nome e um conceito para essa grande palhaçada) é que nós, românticas incuráveis, vivemos em conflito. Ao mesmo tempo



que queremos flores, declarações e tudo o que vemos em filmes como exemplos clássicos de um amor tradicional, também fazemos parte dessa modernidade acostumada ao efêmero. Mas, repito, isso não significa que não queremos o duradouro.

Muitas vezes, vamos desejar coisas diferentes com pessoas diferentes. Com uma, pensaremos em casar, ter filhos, fazer viagens para a Disney e adotar cinco cachorros. Vamos querer viver todos os clichês românticos a que assistimos no cinema na adolescência e acreditar em amores que são longos e profundos. Com outra, vamos amar em 24 horas, desejar o eterno naquele período — e só isso. Hoje tudo muda muito rapidamente e isso afeta, sim, o modo como sentimos as coisas. Mas, assim que aprendermos que isso é uma constante, estaremos mais preparadas para o que vier depois.

Você sempre vai amar. E quase sempre vai achar que aquele sentimento é diferente de todas as outras vezes em que gostou de alguém. Vai dizer que é mais forte e puro. Vai ficar feliz. Vai acreditar que o motivo da sua felicidade inteira é aquela pessoa. Vai sentir tudo de forma mais intensa. Se sorrir, vai ser até a barriga doer. Se chorar, vai ser até os pulmões cansarem. Vai viver tudo isso mais vezes do que acreditava ser possível — e, às vezes, na duração de apenas um dia.

**“ME ADD?”**

Vocês combinaram no Happn. Vocês escrevem algumas frases corriqueiras e, após a troca de informações básicas (o que faz, de onde é), enfim anotam telefones. A conversa no WhatsApp — que representa um pouco mais de intimidade que o app de relacionamentos — segue despreziosa e vocês começam a falar de coisas cotidianas e sem muita importância da vida um do outro.

“E aí? O que tá fazendo de bom?”

“Ah, tô deitada, em um relacionamento sério com a Netflix. E você?”

“Ouvindo um som. Netflix, é? Também sou viciado! Me fala, o que você costuma assistir?”

“É um amor universal, né? Agora tô terminando a nova temporada de *House of Cards*, mas preciso confessar que revejo *Friends* todas as noites. Hahaha.”

“*House of Cards* é animal! Já viu *Sense8*? É sensacional!”

“Sim! Tá na minha lista de favoritas!”

“☺”

Quando o assunto acaba, geralmente o condutor da conversa muda.

“Mas, me conta, tá ouvindo o quê?”

“O novo single do Blink-182. Os caras voltaram e tô me sentindo com dezesseis anos de novo.”

“Ah! Eu ouvi! Achei legal, bem nostálgico!”

“Sim! Aí já montei uma playlist com Green Day, All-American Rejects... É, acho que voltei a ter dezesesseis anos. Hahaha.”

“Faltou um Red Hot Chili Peppers aí, hein?”

“Ah, Red Hot é de lei, né? É minha banda favorita!”

“Jura? É uma das minhas favoritas também!”

Depois vocês emendam uma conversa sobre os melhores álbuns e as músicas preferidas do RHCP, e chegam ao consenso de que o John Frusciante é o melhor guitarrista dos últimos tempos. Com o fim do assunto em comum, um dos dois faz o convite:

“Me adiciona no Facebook?”

Aí, pronto. Uma vez instaurado o interesse, ele chega sorrateiro: o stalk. Por mais que tente não fuçar o perfil do moço, é mais forte que você: quando se dá conta, já viu a maioria das publicações dele e grande parte das fotos. Essa checagem é importante para analisar se o que vocês têm em comum vai além do gosto por cultura pop, se ele também é bonitinho nas fotos feitas por amigos que o taggearam, quantos likes ele costuma ganhar em fotos, se existem comentários suspeitos nas publicações. Depois que o (possível) casal se adiciona, o date está a um passo de acontecer, até porque o Facebook é um passo um pouco mais “sério” que o Instagram. Em primeiro lugar, muitas vezes o Instagram já aparece nos apps

de relacionamento. Em segundo, é no Facebook que você conhece melhor o jeito como ele interage com os amigos e familiares, além de descobrir a posição política, o tipo de humor, as causas nas quais ele se engaja e até o conhecimento sobre memes.

Depois da varredura no perfil do cara, começam as interações. Você posta um vídeo legal sobre um documentário. Ele curte. “Opa! Ele é vegetariano também”, constata. Você posta um meme idiota que sente vergonha de ter achado tão engraçado. Ele comenta. “Ufa, ele também tem um humor esquisito.” Uma semana de interações no Facebook e vem a certeza: vocês são almas gêmeas.

“E aí, quando vamos tomar uma cerveja?”, ele manda um dia.

Vocês combinam o encontro. Não sentem a tensão dos primeiros papos porque já sabem muito um do outro. Afinal, uma semana no Facebook equivale a um mês de convívio diário nos anos 1990, praticamente. Sem problemas ou divergências, escolhem um pub.

O cenário: banda boa de fundo — naquele momento tocando clássicos dos anos 1970 —, cerveja gelada e vocês conversando sobre qualquer coisa que ele leu no Twitter pela manhã. Você ainda se sente um pouco nervosa, afinal os primeiros encontros

sempre são motivo para um frio na barriga. “Deveria ter ficado em casa assistindo a alguma série”, pensa. Não porque está chato, mas porque no fundo teme que aquela expectativa não vai dar em nada.

Não é pessimismo. É instinto selvagem. Até o primeiro beijo acontecer, vocês falaram sobre política, o último episódio de *Game of Thrones*, discutiram religião, feminismo e relacionamentos passados. Inclusive, quando esse assunto surgiu, você automaticamente ligou todas as suas antenas e começou a fazer seu checklist pessoal para saber se ele valia a pena ou não. Se você marcasse mais de um item, sabia que era hora de ir embora e que o cara merecia ser bloqueado no WhatsApp no dia seguinte.

E se você precisa de ajuda para identificar uma furada...

# CHECKLIST PARA IDENTIFICAR UM EMBUSTE\*

- ( ) Chamou a ex de louca.
- ( ) Contou que traiu a namorada.
- ( ) Falou que nunca vai superar o relacionamento passado.
- ( ) Falou que a ex se vestia como vagabunda.
- ( ) Falou dela durante todo o encontro.
- ( ) Fez comentários negativos sobre algo na sua aparência (ainda que disfarçados, como “nossa, esse batom é lindo, mas um tom mais claro ficaria melhor em você, não acha?”).
- ( ) Falou sobre a quantidade de comida que você pediu.
- ( ) Ou falou sobre a quantidade de bebida que você bebeu.
- ( ) Contou sobre cenas de ciúmes que já fez.
- ( ) Tratou mal o garçom.
- ( ) Fez piadas preconceituosas.

\*embuste (adj.): boy que não vale nada; digievolução do boy lixo; homem que não deveria ter nascido; ser humano cuja função na Terra é desgraçar a nossa cabeça.